

A IMAGEM DO SEXO NA PALAVRA

Autor; Antonio Carlos Pinto da Fonseca Junior

ET 15: ENTRE LETRAS, ROUPAS E IMAGENS: A (RE)PRODUÇÃO DA SEXUALIDADE EM CONTEXTOS ARTÍSTICOS

UFU – Universidade Federal de Uberlândia - MG

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar o trabalho da editora “O Sexo da Palavra” em reeditar textos de temática homoerótica marginais e esquecidos com roupagem contemporânea para o leitor de hoje. Os textos escolhidos, através do grupo de pesquisa homônimo em ação na UFU – Universidade Federal de Uberlândia - MG, têm por critério a presença de cenas homoeróticas e que tiveram pouca circulação. A linha editorial segue o resgate de fotografias e gravuras das épocas da primeira publicação de cada texto e traz para os dias atuais com projeto gráfico inovador.

Palavras-chave: Homoerotismo, Design Gráfico, Literatura Brasileira.

As narrativas de temática homoerótica no Brasil sofreram um apagamento significativo em edições pouco divulgadas ou limitadas, sendo, em sua maioria, relegadas a uma única edição. Consideradas em diversos momentos uma literatura menor, por isso sem valor, no Brasil ainda é difícil encontrar pesquisas sobre literatura de temática homoerótica, o que pode ser consequência do pouco apreço pelo tema. Criando-se um recorte dos séculos XIX e XX vemos estudos interessados em apresentar produções da homocultura, como é o caso de James Green em *Além do Carnaval* (2000), e João Silvério Trevisan em *Devassos no Paraíso* (2002), em que se retoma a temática criando uma espécie de catalogação da produção brasileira, mas, ainda assim, num mercado editorial pouco interessado em reeditar tais obras, sobrando praticamente para *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, de 1895, cumprir esse papel. Considerado o primeiro romance ocidental de temática homoerótica e interracial existente, como representação do Naturalismo contido inclusive como livro “obrigatório” nos vestibulares e afins, *Bom Crioulo* segue sendo reeditado com introdução escrita por diversos estudiosos, entre eles o próprio Trevisan. Cabe ressaltar que estes dois livros citados, importantíssimos para a pesquisa no país, não têm reedições constantes, sendo comercializados em sites especializados em raridades, por exemplo, a preços exorbitantes. Vê-se que a temática homoerótica é considerada no meio acadêmico e, por consequência, nas editorações comerciais, como estudos sociológicos, ao invés de literatura, como se a literatura não fosse também uma representação da sociedade e seus indivíduos, como se os estudos sociológicos não estivessem atrelados ao tempo e à sociedade na qual são produzidos. A academia parece criar uma batalha entre o que é considerado cânone, portanto sendo intocável e erudito, versus outras formas de literatura, as quais não cumprem as normas conforme a padronização acadêmica pressupõe.

Grupos de trabalhos, como “Homocultura e Linguagens”, este ligado a ANPOLL, se esforçam em pesquisar e estudar o tema, se colocando presentes em diversos encontros e congressos, criando um material de grande qualidade acadêmica. Os membros do GT publicam em anais e livros organizados uma série de artigos, além dos próprios autores terem seus livros com análises críticas a diversos produtos da homocultura, como literatura, cinema e linguagens diversas. Ressalto neste artigo o trabalho desenvolvido pela editora “O Sexo da Palavra”, em reeditar textos marginalizados e esquecidos do público leitor, com roupagem contemporânea e formato atrativo para o leitor atual, buscando, além de “registrar” obras esquecidas, torná-las novamente disponíveis; analisar as mesmas, trazendo o contexto histórico e disponibilizando artigos que enriqueçam as edições, considerando seu conselho editorial formado por estudiosos do tema em diversas áreas da academia. Os textos escolhidos, costumeiramente através do grupo de pesquisa homônimo, elaborado na Universidade Federal de Uberlândia – MG, têm por critério a presença de cenas homoeróticas, parcial ou em sua totalidade, produzidos a partir do século XIX. Assim sendo, a importância de se pesquisar e analisar tais textos, colocando tais obras em circulação, disponibilizando-as para fomentar o interesse de novos leitores, deve ser levada em consideração. Além disso, é uma editora que se propõe a receber textos inéditos, assim como dissertações de mestrado e teses de doutorado, com amplo objetivo de criar acesso a trabalhos acadêmicos e ficcionais, fomentando um mercado próprio de produção literária focada em gênero e sexualidade, como se pode observar no site próprio, disponível em www.osexodapalavra.com.

Ao transportar tais obras para os dias atuais, registradas pela editora como uma subcategoria intitulada *Sexo Raro*, temos noção de que elas necessitam de atualização ortográfica, assim como é necessário, por vezes, ressignificar alguns aspectos para que as obras possam ser compreendidas. Quando recortamos apenas cenas homoeróticas, e por consequência cenas sexuais, há de se ater ao comportamento social da época a respeito de termos e conceitos culturais, como afirma Fábio Figueiredo Camargo:

Os Livros são frutos de seus momentos de produção e cenas eróticas só serão possíveis graças à coragem de uns e à esperteza de outros, a determinados momentos históricos, pois os leitores nem sempre compreendem essa necessidade descritiva, assim como há momentos propícios a esse tipo de leitura. Cabe lembrar a dificuldade de aceitação do que seja homoerótico em todos os níveis da cultura. (CAMARGO, 2010, p. 101)

Assim sendo, seguindo a estética da recepção, o que importa primordialmente em se reeditar tais obras é o efeito que estas causam no leitor de hoje, “contrapondo-se radicalmente à ideia de que

o texto é uma estrutura de onde emana um [único] sentido” (ZAPONE, 2003, p. 191). Privilegiar o leitor, em vista do horizonte de expectativa dos leitores do século XIX, transpondo o texto para tempos atuais, se torna o objeto central d’O Sexo da Palavra, como é o primeiro produto da editora, a reedição de *O Menino do Gouveia*. Para esta linha de edição, o texto apresenta-se carregado de ferramentas que auxiliem sua compreensão; seja utilizando-se de introdução crítica, alertando o leitor para determinados pontos, seja pelo apelo visual, sugerido pelo design gráfico.

O design, que ultrapassa o sentido de apenas ilustrar uma narrativa, tem seu avanço a partir de escolas como Bauhaus. Hoje, com a evolução tecnológica e acesso a diversos formatos, como publicações virtuais (e-pub), pode-se pensar o livro além-texto, coordenando imagem e tecnologia. As capas de livros, até meados do século XX, traziam pouca imagem, seguindo um padrão das capas de couro com título e por vezes alguns adornos, enquanto seu miolo tinha pouca variedade tipográfica, cabendo às tipografias com serifa cumprir quase que a totalidade das publicações. Com a evolução tecnológica do parque gráfico, assim como acesso a softwares e computadores, houve a implementação de projetos mais elaboradas, com ilustrações e edições diversificadas. Tanto no quesito industrial do processo, considerando a velocidade de impressão e o número possível de edições a custos mais baixos, se traçarmos um paralelo com a produção do século XIX e boa parte do século XX, como a retomada de alguns processos artesanais, muitas vezes assinados por designers e artistas gráficos, ou criados sob a estética do volume único “hand made”, há de se considerar que a editoração nunca esteve tão ampliada e acessível. Parte dessa nova estética editorial é o carro chefe d’O Sexo da Palavra, principalmente na subcategoria Sexo Raro, onde há o resgate de fotografias e gravuras das épocas da primeira publicação dos textos a serem reeditados e, através de grafismos contemporâneos, transporta-se os textos para os dias atuais. Cruzando a pesquisa acadêmica do grupo com a pesquisa visual sobre a época de produção da narrativa, pode-se aprimorar o projeto final, criando tanto textual quanto imageticamente um produto contemporâneo.

Essa ponte entre a primeira edição e a reedição feita pela editora é o diferencial entre tantos outros projetos gráficos e literários existentes hoje. Aqui vamos nos ater ao caso do primeiro produto editado, *O Menino do Gouveia*, de Capadócio Maluco (pseudônimo), lançado originalmente em 1914 em forma de fascículo da revista *Rio Nu*, reeditado n’O Sexo da Palavra como primeiro volume da coleção *Sexo Raro*. Por se tratar do primeiro conto pornográfico homoerótico publicado no Brasil e, até tempos atuais, sem registro de reedição, o título foi de grande interesse histórico por parte do grupo, que elaborou uma análise em conjunto com outros textos, na edição colocada como introdução crítica ao texto original. A primeira edição valia-se da tecnologia existente para se editar no começo

do século XX no Rio de Janeiro, sob encomenda do leitor, que previamente devia assinar a publicação que seria enviada a ele. “*O menino do Gouveia*”, contido numa revista pornográfica destinada ao público heterossexual, como se vê no conteúdo da publicação original que permeia o conto, é agora resgatado como um objeto-livro que ressignifica o teor sexual nele contido. Trazendo para tempos atuais, o formato escolhido foi um tamanho A6 (10,5 X 14,8 cm), típico de “revistinhas pornô” facilmente encontradas em bancas de jornais, ou ainda de pocket books, para dar o significado de leitura rápida que o conto traz. Sair do formato tradicional de livro, o qual contém lombada, capa e orelha, faz o objeto dialogar com reinterpretações do aspecto formal de leitura, assim como monta um objeto dito inferior, pois se apresenta como revista, fazendo a ponte entre o original, fascículo da *Revista Rio Nu*, com os tempos atuais. Este jogo de intenções a partir do design é a primeira leitura que o leitor tem acesso, podendo, a partir daí, surgir o interesse inicial pelo objeto como um todo.

Ultrapassando o formato e as referências iniciais, “*O Menino do Gouveia*” tem como proposta vir embalado em plástico-bolha, dando um aspecto de fragilidade ao livro. Além disso, o plástico disfarça a ilustração da capa, criando uma atmosfera “proibida”. A embalagem conta também com uma etiqueta preta em torno do objeto livro reforçando o teor erótico, como sinal de “censura”, comumente vista nas tais revistas pornográficas de bancas de jornal. Tais elementos paraliterários servem como atrativos visuais e táteis, podendo levar a mente do leitor a imaginar o conteúdo interno antes mesmo de sua abertura. É sabido e anunciado que o livro trata de um conto pornográfico, porém não se sabe ainda, com ele embalado, como se escrevia pornografia no começo do século XX. Não se sabe também como foi atualizado o vocabulário e muito menos se há algo a ser considerado de mau gosto ou “proibido” para tempos atuais. O projeto gráfico propõe que anteriormente à sua abertura imagine-se do que se trata o conto sem trazer grandes dicas. Porém reforça-se nas referências contemporâneas para contar esse trajeto, utilizando elementos atuais para instigar o leitor e levá-lo para o tempo do conto. Obviamente o invólucro também cria uma capa protetora, permitindo que ele seja distribuído através dos Correios sem que o mesmo se danifique, sendo a internet o maior canal de distribuição do livro.



Para ilustrar a publicação, como dito anteriormente, o design foi elaborado a partir de pesquisas de artistas, fotógrafos, ilustradores, entre outros, contemporâneos à publicação original do texto. É um trabalho de pesquisa paralelo ao que o grupo elabora na universidade, em que a imagem é colocada como objeto central. Desta pesquisa surgiu o nome e o trabalho do fotógrafo alemão do fim do século XIX, Wilhelm von Gloeden, considerado um pioneiro no retrato de nus masculinos ao ar livre. Von Gloeden teve sua obra praticamente concebida na Itália e seus modelos eram diversas vezes meninos muito jovens, o que culminou no interesse de “representar” o menino que narra sua história a Capadócio Maluco no conto em questão. Com grande reconhecimento de suas fotografias, mesmo numa sociedade fortemente homofóbica, o fotógrafo foi convidado a ministrar palestras sobre fotografia ao ar livre no fim do século XIX na Sociedade Fotográfica de Berlim; além de ter diversas imagens publicadas em grandes revistas de seu tempo e tendo exposição de seu trabalho em galerias de arte. Porém von Gloeden teve um apagamento de sua obra a partir da I Guerra Mundial, com a entrada da Itália na mesma, e, posteriormente, no governo de Mussolini, houve a destruição de parte do seu acervo. Seu trabalho sofreu uma restauração consideravelmente importante a partir dos negativos de vidro, que conservaram as imagens, e é encontrado com certa facilidade em sites sobre homoerotismo além de publicações sobre ele.

Roland Barthes, em seu livro *O Óbvio e o Obtuso*, dedica um pequeno capítulo ao fotógrafo considerando-o *camp*, referenciando Andy Warhol, e o colocando como *kitsch* pela super elaboração de suas fotografias. Tais elementos contam para a escolha de von Gloeden para ilustrar o livro, também pelo fato de o fotógrafo distorcer a leitura temporal de sua época, conjugando ainda mais com o objetivo final do projeto elaborado. Segundo Barthes:

[...] percebe-se que todo o prazer vem de um acúmulo de contrários, como acontece em toda festa carnavalesca. Essas contradições são “heterologias”, atritos de linguagens diversas, opostas. Por exemplo: von Gloeden toma o código da Antiguidade, o sobrecarrega, e o exhibe, pesado de efebos, pastores, lianas, palmas, oliveiras, parras, túnicas, colunas, estelas; mas (primeira distorção), mistura os signos da Antiguidade, combina a Grécia vegetal, a estatuária romana e o “nu antigo” vindo das Escolas de Belas Artes: sem nenhuma ironia, o que parece, considera magnífica a mais desgastada das lendas. Mas isso não é tudo: a Antiguidade assim exibida (e, por indiferença, postulado, assim, o amor dos efebos), von Gloeden povoa a Antiguidade com corpos africanos. [...] Tudo isso não impede que a contradição seja agradável. (BARTHES, 1982, p. 177)

Assim sendo, essa imagem produzida por von Gloeden remete aos desenhos de nus clássicos, que o fotógrafo alemão já fez como releitura, trazendo tanto corpos como objetos de sua época, o século XIX, transitando de forma atemporal, ao ser registrada como fotografia, tecnologia em ascensão no mesmo período. Essa miscelânea por si já significaria o que os modernistas buscariam enquanto elemento artístico, a quebra de regras rígidas para elaboração de seus trabalhos, sendo ramificada e aprimorada no que hoje chamamos de arte contemporânea. Em se tratando de século XXI, essa mesma imagem, sofre mais uma intervenção se tornando atualizada. Partindo do retrato de um menino com um peixe na mão, completamente nu, em preto e branco, com registro em tom envelhecido em sépia, foi elaborada uma cartela de cores puxando principalmente os vermelhos e róseos colorizando a imagem a se tornar uma segunda ilustração da mesma matriz. O processo de colorização se deu de forma digital e, por se tratar de uma releitura da imagem original, preservou-se os elementos que configuram interpretar o conto a partir da voz de um “menino”, porém modernizou-se com tarjas pretas que preservam a identidade de “menores de idade” no nosso tempo, o que permite uma nova leitura do texto. Assim, o que era proibido no começo do século XX, torna-se passível de uma nova leitura um século depois. A imagem também sofreu interferência falseando e manipulando impressões de fofolito – não utilizado mais na impressão digital, técnica de produção da reedição –, trazendo falhas de colorização de fundo, comumente encontradas no pontilhismo que seria a base de

imagens em grande formato dos outdoors, por exemplo. Com esse efeito pretende-se referenciar cartazes do fim do século XX, trazendo uma linguagem urbana e atual, tal qual cartazes de banda de rock ou ainda propagandas em formato de pôster, técnica muito usada pelos artistas da Pop Art da década de 1960, à qual Barthes compara o trabalho do autor da fotografia original.

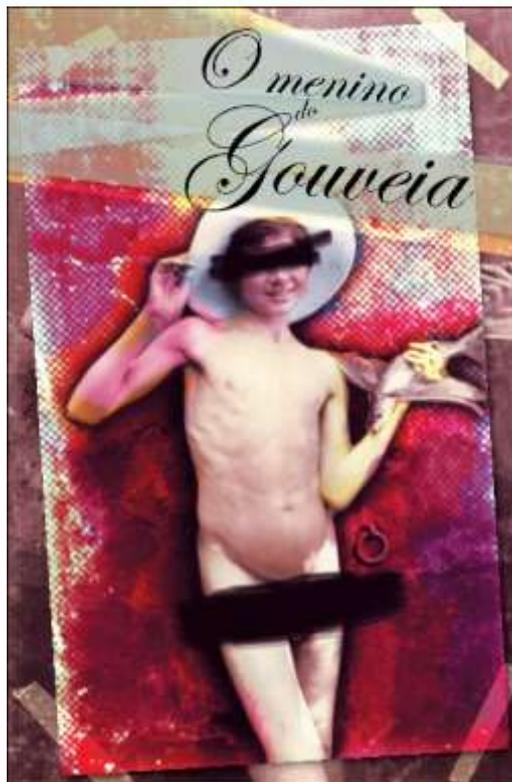


Fotografia original de Wilhelm von Gloeden



Ilustração produzida a partir da fotografia

A imagem final manipulada ainda sofre uma última alteração, sendo sobreposta à imagem original e fixada por fitas adesivas, popularmente chamadas de Durex, reforçando o objetivo visual da colagem como técnica. Tais elementos reforçam a sujeira que se pretende dar ao texto pornográfico, assim como remete facilmente à produção de zines artesanais. Com isso o produto livro é catapultado para um ambiente urbano e caótico, típico da produção visual pós punk, com seu slogan “Do it yourself” - faça você mesmo – que os zines postulam como atitude transgressora. Porém a tipografia escolhida para o título do livro é cursiva, novamente referenciando o período em que o conto originalmente foi produzido. A escolha da tipografia leve, arredondada e de origem caligráfica é proposital e reforça a técnica comumente utilizada no começo do século XX para capas de livros: a letra escrita à mão.



Capa do livro

Mesmo em se tratando de arte elaborada em sua totalidade digitalmente, trouxemos texturas e pinceladas replicando uma pintura a óleo, o que faz com que mais uma vez brinque-se com o elemento temporal da imagem. O trajeto é tomar uma imagem do século XIX, transportar para tempos atuais, falsear com elementos, técnicas de escolas artísticas entre meados do século XX e do urbano tecnológico, já obsoleto, do início do século XXI, produzindo uma imagem autônoma, que prescinde da imagem matriz.

O miolo do livro conta com três imagens que seguem o mesmo processo de produção da imagem da capa, diferenciando-se apenas pelo fato de serem impressas em preto e branco. As fotografias, do mesmo autor, foram novamente base para o design que buscou ilustrar o conto trazendo outros “meninos” do Gouveia. A primeira, localizada após o prefácio crítico, cria uma marca para o leitor em prepará-lo para o conto que virá, objeto principal do livro. A imagem com dois rapazes nus em poses que remetem à estatuária clássica grega é composta de elementos naturais, típico do trabalho de von Gloeden, numa área externa. A juventude dos dois é explorada como ponto forte da fotografia, categorizando ambos como efebos ao olhar do fotógrafo. Na ilustração foram grafadas “marcas de censura” nos olhos e nos órgãos sexuais, assim como na capa, reforçando o teor de serem “menores de idade” para os tempos atuais.



Imagem original

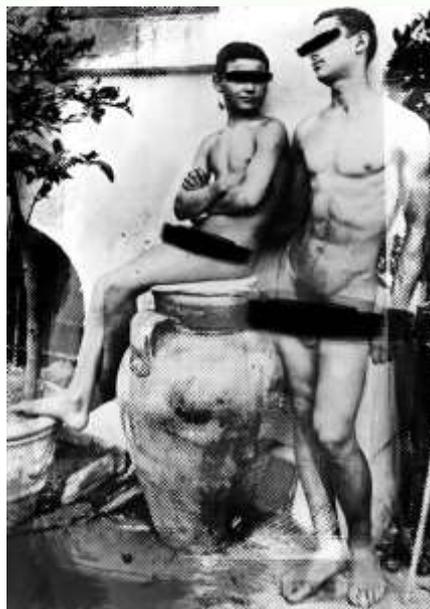


Ilustração página 25

A segunda imagem do miolo é criada a partir de um *portrait* de um rapaz. A imagem matriz traz um possível adolescente com um flor entre os lábios insinuando um olhar sensual. É importante ressaltar que muitas imagens produzidas pelo fotógrafo alemão carregam um erotismo sutil nos olhares e poses de seus modelos. Essa imagem, especificamente, ainda conta com elementos que denotam feminilidade ao rapaz, como a indicação de que as mãos estariam na cintura, o rosto levemente inclinado para baixo, os lábios entreabertos e a camisa aberta como se ali houvesse um decote.



Imagem original



Ilustração página 36

Caracterizar um rapaz com traços femininos pressupõe a sexualidade do mesmo, marcando-o como homossexual. A ilustração está localizada entre fim do capítulo II e a abertura do capítulo III, logo após o menino do conto ser chamado de putto pelo seu tio. A escolha da página é proposital, quase que ilustrando o que seria o tal “puto” ou um “pederasta passivo”, termo condizente à época do conto. Novamente a juventude é explorada pelo fotógrafo, além de, como indicado por Barthes, seus modelos seguirem descendência africana. Isso demonstra que suas imagens são produzidas em excesso, mesclando elementos paradoxais criando uma atmosfera única.

A última ilustração do miolo, fechando o livro, traz um menino, talvez o mais jovens das fotografias selecionadas, com uma coroa de flores na cabeça e dois Copos-de-leite na mão. A coroa santifica o modelo, cria uma atmosfera de pureza e ingenuidade. Seus olhos, grandes e arregalados, passam uma ideia de susto ou surpresa. É a imagem que mais se aproxima do sentido de juventude pura e ainda intocada, contradizendo tanto as imagens anteriores quanto o teor do personagem principal do conto, o “menino”.



Imagem original



Ilustração página 47

Esta última ilustração é a menos manipulada contida no livro, preservando as características da imagem matriz e reiterando o ar angelical e puro do modelo. É escolhida para fechar o exemplar numa tentativa em tornar o personagem uma espécie de herói de sua própria narrativa. Mesmo sendo o “menino” já iniciado sexualmente e relatando para Capadócio Maluco suas taras, essa última ilustração pretende salientar que ainda assim ele é um menino.

Na contracapa, o livro conta com uma última ilustração, continuação da imagem da capa. O mesmo menino com o peixe na mão em outra pose e com a mesma estética no tratamento da imagem.



A possibilidade em se encontrar em pesquisa uma segunda fotografia com a mesma produção da fotografia da capa, como se fizessem parte do mesmo ensaio, é o que garantiu a essa imagem estar na contracapa do exemplar, se tratando de um fotógrafo que teve grande parte de seu trabalho destruído e pouco divulgado.

Assim sendo, a editora O Sexo da Palavra cria a possibilidade de colocar em circulação textos que não costumam ser reeditados, porém aparecem diversas vezes em trabalhos acadêmicos sobre a temática homoerótica. Desta reedição procura-se apresentar projetos que prezam pela qualidade gráfica nem sempre encontrada em publicações de ordem acadêmica. A pesquisa realizada pelo grupo é fundamental para a investigação do que deve ser publicado, e em paralelo se vê de extrema importância se aprimorar na busca das imagens que representem o tempo do original em questão para que se possa criar um conceito de design que fomente novos leitores e próximos pesquisadores.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BARTHES, Roland. “Wilhem von Gloeden”. In: _____. **O óbvio e o Obtuso. Ensaios críticos III**. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 177-179.

CAMARGO, Fábio Figueiredo. “Sexo, literatura e sociedade”. In: MESSEDER, Suely Aldir; MARTINS, Marco Antônio Matos. (Org.) **Enlaçando Sexualidades vol II**. Salvador: EDUNEB, 2009. p. 101-112

GREEN, James N. **Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: UNESP, 2000.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. Trad. Marina Appenzeller. 12 ed. Campinas: Papirus, 1996.

MALUCO, Capadócio. **O menino do Gouveia**. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2017.

NOVA, Vera Casa. **Lições de almanaque – um estudo semiótico**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ZAPONE, Mirian Hisae Yaegashi. “Estética da recepção”. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (Org.) **Teoria Literária. Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009.